

O ENSINO DA FILOSOFIA ATRAVÉS DO CINEMA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS A PARTIR DO PROJETO CINECLUBE

Alessandro Reina, Rede Estadual de Educação do Paraná e NESEF – Curitiba, Brasil.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo demonstrar a possível imbricação existente entre a filosofia e o cinema, bem como a possibilidade de utilização do filme como um importante recurso didático para o ensino-aprendizagem da filosofia e de seus conceitos no Ensino Médio. Investiga primeiramente a relação entre o cinema e a filosofia através dos conceitos de razão logopática e a produção de conceitos-imagem nos filmes propostos por Júlio Cabrera, a partir de sua obra *O Cinema Pensa: Uma Introdução a filosofia através dos filmes*. Problematisa a questão da dificuldade do jovem contemporâneo diante da tarefa do pensar e do conhecimento, onde o filme coloca-se como um importante recurso didático para o professor, podendo auxiliar o aluno na conquista do exercício do filosofar. Insere a pesquisa no campo educacional através da abordagem do cinema/filosofia com a construção de um cineclube filosófico na escola, possibilitando a aprendizagem da Filosofia através do desenvolvimento da escrita, da leitura e da oralidade por parte dos alunos por intermédio dos filmes, visando o resgate da escola como um espaço de formação humana, social e cultural.

Palavras Chave: cineclube, cinema, ensino, filosofia, filmes.

ENSEÑANZA DE LA FILOSOFÍA A TRAVÉS DEL CINE: SUPUESTOS TEÓRICOS Y PRÁCTICOS BASADOS EN EL PROYECTO DE CINE CLUB

RESUMEN

Este artículo tiene por objetivo demostrar la posible imbricación existente entre la filosofía y el cine, así como la posibilidad de utilizar el cine como un importante recurso educativo para la enseñanza y el aprendizaje de la filosofía y sus conceptos en la escuela secundaria. En primer lugar, se investiga la relación entre el cine y la filosofía a través de los conceptos de la razón logopática y de la producción de los conceptos-imagen en las películas propuestos por Julio Cabrera, en su libro *O Cinema Pensa: uma introdução a filosofia através dos filmes*. Problematisa el tema de la dificultad del joven contemporáneo adelante de las tareas del pensamiento y del conocimiento. En ese proceso la película se presenta como recurso educativo importante para el profesor y para el estudiante y por lo tanto puede ayudar en la conquista del ejercicio del filosofar. En el ámbito de la educación, la investigación se centra en el cine-filosofía con la construcción de un cine-club filosófico en la escuela, lo que resultó en experiencias de efectivo aprendizaje de la filosofía por el desarrollo de la escritura, la lectura y la oralidad de los estudiantes partiendo de las películas. El proyecto es dirigido al rescate de la escuela como lugar de desarrollo humano, social y cultural.

Palabras clave: cine club, cine, educación, filosofía, películas.

Pensar a relação entre o cinema e a filosofia não parece ser uma tarefa fácil, incorporar este elemento então como uma prática didática, coloca-se como um verdadeiro desafio. Não se trata de forçar uma abordagem metodológica, muito menos de criar um espaço mais atrativo para o aprendizado da filosofia. A questão não é aproximar a filosofia do cinema e sim demonstrar que o

cinema pode ser uma expressão da própria filosofia.

A filosofia ao longo de sua história sempre procurou problematizar a realidade do mundo e isso se deu através da literatura. A filosofia é um tipo de literatura, um meio ou canal pelo qual o filósofo através do uso lingüístico desenvolve suas teorias e conceitos, visando dar conta do problema como um todo. Em muitas de nossas aulas de filosofia, dizemos para os nossos alunos que para entender a natureza de um problema filosófico é preciso vivê-lo, experienciá-lo. Ao partilhar da experiência do problema filosófico ou vivê-lo, o aluno apropria-se do problema como se fosse seu e passa a filosofar. Para tanto, é necessário que o problema seja crível, ou seja, que o aluno acredite que aquilo que está diante dele é de fato um problema que deva ser pensado.

As dificuldades começam pelo fato de que os jovens não sabem o que é a experiência do pensar. Larrosa em um de seus artigos, a saber, *Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência*, explora de forma sucinta o par experiência/sentido. Larrosa coloca que o pensar não procede de forma metódica no sentido de uma técnica, o pensar evoca “sentido”, “pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.” (LARROSA, 2002, p.20).

A experiência do pensar não pode ser tomada como algo trivial, algo que se passa corriqueiramente, a experiência do pensar é uma experiência dotada de sentido e merece ser destacada entre qualquer outra experiência. Por isso Larrosa afirma que “a experiência não é algo que acontece”, mas sim, “algo que nos acontece”, sendo que tais experiências nos dias de hoje estão ficando cada vez mais raras.

[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, 2002, p.21).

Encontramos aqui a primeira grande dificuldade filosófica para o aluno do ensino médio que é como foi apontado por Larrosa, entender o “sentido do que é a experiência do pensar”. É devido à falta de sensibilidade de muitos professores que se deve a aversão de alguns alunos pela filosofia, pois não compreendem esta dificuldade, acreditando que ao jogarem um texto filosófico diante deles, como num passe de mágica, todos passarão a filosofar e a compreender a filosofia. Se por um lado temos professores com esta falta de sensibilidade, do outro temos professores que banalizam a filosofia. Adeptos a modismos pedagógicos contemporâneos, acreditam que toda atividade deve ser lúdica e que o aluno só pode aprender brincando. Ora, a educação não é brincadeira e o aprendizado nem sempre é um mar de rosas, segundo o próprio Kant exige disciplina, pois sem ela não é

possível ensinar muito menos aprender (KANT, 1999, p.12).

A maior dificuldade na atualidade encontra-se no fato de que a civilização contemporânea, nas palavras de Habermas, “foi colonizada pela ciência e pela técnica” (HABERMAS, 1968, p.49) o que concentrou as atividades humanas num “fazer”, esvaziando o processo de reflexão crítica, orientando a tarefa do pensamento para fins pragmáticos. O próprio pensar foi instrumentalizado, o que levou o próprio Heidegger a afirmar o fim da filosofia, embora este fim não seja interpretado como aniquilação, mas sim como acabamento ou concentração nas possibilidades supremas. Assim escreve Heidegger:

[...] o fim da Filosofia revela-se como o triunfo do equipamento controlável de um mundo técnico-científico e da ordem social que lhe corresponde. Fim da Filosofia quer dizer: começo da civilização mundial fundada no pensamento ocidental-europeu. (HEIDEGGER, 2002, p.271).

Se viver o problema filosófico só é possível através do próprio ato do filosofar, que em último sentido é a própria experiência do verdadeiro pensar, podemos observar que nas classes do ensino médio nem sempre um texto filosófico por si só será capaz de conduzir os alunos ao filosofar, por isso precisamos de alternativas ao texto, mas não de forma a substituí-lo ou eliminá-lo. A partir disso podemos desenvolver algo diferente para vivenciar o problema filosófico em todos os seus nuances, talvez não somente pelo lado lógico-racional, mas por uma incursão através da sensibilidade humana e para isso, nada mais correto do que utilizar o cinema.

Cabrera em sua obra *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*, afirma que a filosofia ao desenvolver-se como uma atividade de pensamento lógico-racional opera através de conceitos, algo que ele chama de “conceito-ideia” enquanto o cinema opera com “conceito-imagem” (CABRERA, 2006, p.20). O cinema introduz através dos filmes a expressão de um elemento “pático” (do grego “pathos”, paixão, afetação) que causam um impacto emocional no espectador. Cabrera nos alerta que este “impacto emocional” não pode ser confundido com “efeito dramático”. O impacto emocional é uma espécie de afetação, aquilo que desperta a nossa reflexão para um problema que se desenrola através das imagens de um filme, enquanto que o efeito dramático apenas desperta em nós um sentimento qualquer como alegria, tristeza, raiva ou pena. Quem desperta em nós este impacto emocional é na verdade o conceito-imagem.

Um conceito-imagem é instaurado e funciona no contexto de uma experiência que é preciso ter, para que se possa entender e utilizar este conceito. Por conseguinte, não se trata de um conceito externo, de referência exterior a algo, mas de uma linguagem instauradora que precisa passar por uma experiência para ser plenamente consolidada. (CABRERA, 2006, p.21)

Segundo Cabrera os filmes “filosóficos” tem uma intencionalidade para transmitir um dado

conceito sobre algo que diz respeito ao mundo e ao humano e a forma como interpretamos estas duas realidades. Este impacto emocional é a “arché” da filosofia nos filmes, assim como o espanto é para os filósofos a “arché” da filosofia clássica. Este impacto emocional gerado pelo conceito-imagem em um filme constitui aquilo que Cabrera chama de “logopatia”, (CABRERA, 2006, p.20), ou seja, este impacto emocional que gera a reflexão filosófica, não é somente “pathos”, mas é também “logos”. Aqui podemos começar a entender porque Cabrera afirma que o impacto emocional (logopatia) não é a mesma coisa que efeito dramático. O efeito dramático envolve somente o pathos, os sentimentos, as paixões; como citamos anteriormente são aqueles sentimentos de raiva, de alegria, de tristeza ou de angústia ao vermos um filme. O impacto emocional não exige necessariamente que você seja afetado por estas paixões, pelo contrário, muitas vezes elas quase não existem no interior do filme.

Trata-se de perceber que o filme em si mesmo não apenas pode ser relacionado à filosofia como pode ser entendido como uma expressão da filosofia em si mesma. A filosofia sempre problematizou de forma teórica aquilo que o senso comum faz rotineiramente através de suas ações dentro do seu cotidiano. A filosofia fala da realidade, do ser humano, das suas ações, enfim, a filosofia fala do mundo. Se a grande maioria dos filósofos problematizou isto através da literatura filosófica, os cineastas irão problematizar isto através das imagens em um filme e o problema está em identificar os conceitos filosóficos nas imagens que compõe as cenas de um filme. O problema filosófico torna-se mais crível através do cinema, porque a imagem exerce sobre todos nós um grande fascínio, o que faz com que os conceitos-imagem tenham a sua eficácia.

Cabrera destaca três elementos dos filmes que causam um impacto emocional fundamental para a eficácia cognitiva do conceito-imagem: a pluriperspectiva, o controle espaço temporal e o corte cinematográfico.

A *pluriperspectiva* é a capacidade que o cinema tem de mudar a nossa perspectiva diante das ações dos personagens de primeira para terceira pessoa, simplesmente com uma técnica de câmeras. Isto ressalta o valor da ação dos personagens e do que está acontecendo, nos proporcionando uma avaliação 360° sobre o fato ocorrido, o que facilita a reflexão e a formulação de nossos juízos sobre os conceitos em questão.

Já o *controle espaço-temporal* é a capacidade que o cinema tem de manipular o tempo e o espaço, de retroceder e avançar no tempo facilitando a compreensão dos fatos ocorridos. Muitos filmes utilizam este controle através dos populares *flashbacks* para contar suas histórias. Tarantino⁶

⁶ Quentin Jerome Tarantino é um ator, produtor, roteirista e diretor de filmes nascido em 1963 Knoxville do estado do Tennessee nos EUA. Tarantino é considerado um dos maiores diretores da cena cinematográfica dos anos 90, tendo iniciado com uma produção independente “Cães de Aluguel” (EUA-1992). Adquiriu fama por impor um novo conceito no cinema com roteiros não lineares e frases de impacto alcançando o clamor da mídia com “Pulp Fiction –Tempos de Violência” (EUA-1994). Em todos os seus filmes a violência é colocada em destaque além da forte influência de abordagem dinâmica das histórias dos mangás japoneses.

utiliza o flashback em todos os seus filmes, onde muitas vezes a mesma história é contada através da perspectiva de cada um dos personagens como acontece com *Cães de Aluguel* (EUA-1992), *Pulp Fiction - Tempos de Violência* (EUA-1994) e *Jackie Brown* (EUA-1997), todos de Tarantino.

O último elemento, a saber, o *corte cinematográfico*, permite dar uma idéia de continuidade e linearidade à história, onde cada imagem é conectada a anterior de forma a construir um universo de sentido. No entanto o corte cinematográfico já foi utilizado de forma contrária, como em *Memento* (EUA-2000) traduzido como *Amnésia* no Brasil, do diretor *Christopher Nolan*⁷.

O filme *Amnésia* (*Memento*) conta a história de Leonard (Guy Pearce) um indivíduo que busca vingança pelo assassinato de sua esposa, ao qual presenciou pessoalmente em sua própria casa. O único problema é que Leonard tem amnésia retrógrada e não consegue armazenar novas memórias, por isso inteligentemente, Nolan utiliza um roteiro e seqüências de imagens não lineares, de forma a contar a história sob a perspectiva de Leonard, um indivíduo que não consegue guardar novas lembranças. Assim o filme é apresentado em duas seqüências diferentes de cenas. Uma série em preto e branco que é mostrada cronologicamente e uma série de cenas coloridas que são mostradas em ordem reversa. As duas seqüências se "encontram" no final do filme, produzindo uma única história em comum. Nolan foi premiadíssimo com este filme que é cultuado até hoje, embora tenha circulado nas periferias do cinema, tendo em conta as outras superproduções americanas da época. *Amnésia* de Nolan brinca com esta questão do *corte cinematográfico* criando um suspense e uma trama simplesmente ao contar uma história de forma não cronológica, ao mostrar as cenas de ordem aleatória e reversa.

Desta forma, através da união destes três elementos destacados por Cabrera, o cinema possibilita a compreensão dos conceitos-imagem de forma a viabilizar a articulação da *experiência logopática*, ou seja, de viabilizar o aprendizado da filosofia através dos conceitos filosóficos que aparecem nos filmes. Segundo Cabrera, “os conceitos-imagem propiciam soluções lógicas, epistêmicas, moralmente abertas e problemáticas para as questões filosóficas as quais aborda” (CABRERA, 2006, p. 33).

A *logopatia* é o que possibilita a compreensão dos conceitos-imagem viabilizando uma harmonia que muitas vezes o próprio texto filosófico não proporciona, como a harmonia do lógico-racional com os impulsos sensíveis, das questões estéticas, do físico com o metafísico, da dicotomia entre o divino e o pagão. O que diríamos do fascínio de um estudante do ensino médio ao perceber no filme *A Origem*⁸ (EUA-2010) também de Christopher Nolan, os argumentos furtivos de

⁷ Christopher Nolan é diretor, produtor e roteirista nascido em 1970 em Londres na Inglaterra. Ficou conhecido no cenário cinematográfico por *Memento* (EUA-2000) e atualmente tem ficado a frente de grandes produções como a trilogia *Batman* (EUA-2008-2012) e *A Origem* (EUA-2010).

⁸ *A Origem* (EUA-2010) é um filme dirigido por Christopher Nolan o qual destaca a história de Dom Cobb (Leonardo Di Caprio) um ladrão especializado em extrair informações do inconsciente dos seus alvos durante o sonho. Incapaz de visitar seus filhos, Cobb tem a chance de vê-los em troca de um último trabalho: fazer a inserção, plantar a origem de uma ideia na mente de um rival de seu

Descartes na *Primeira Meditação* sobre a diferença entre sonho e realidade? Será que após assistir o filme o argumento de Descartes não lhe parecerá mais crível? Será que o professor não poderia estabelecer esta ponte de forma a viabilizar uma compreensão dos conceitos do próprio Descartes na Primeira Meditação em torno do argumento do sonho e do gênio maligno com os fatos vividos pelos personagens do filme?

O que faz do filme um canal eficaz para o ensino da filosofia é o fato de que o cinema não problematiza algo que não é interessante aos nossos olhos. Assim aprender filosofia através dos filmes é um convite à exploração de um universo infinitamente novo, cheio de detalhes, peculiaridades e particularidades, algo eminentemente atrativo, coisa que um texto filosófico de início, pode não gerar o mesmo fascínio se tomado como única via de estudo da filosofia. Ao perceber que alguns filmes são construídos de forma filosófica, o aluno irá se interessar pela discussão do tema filosófico abordado através dos conceitos-imagens no filme. É neste momento que a figura do professor é essencial, no sentido de elucidar muitas vezes estes conceitos e construir um discurso que ofereça um sentido aos conceitos que são explorados no filme.

Muitas pessoas acreditam que somente os clássicos *cult* do cinema contêm algo em si filosófico, mas isso não é verdade. Há também um grande preconceito pelo cinema americano que é acusado a todo momento de ser vazio de sentido. É fato que nem todos os filmes podem ser explorados na sala de aula, mas isso não significa que eles não contenham em si a expressão de um conceito que remeta a filosofia.

Cabrera nos dá o exemplo do cineasta David Cronenberg⁹ que afirmou certa vez que o seu filme *A Mosca (EUA-1986)* considerado por muitos como filme B, foi baseado na experiência que ele teve assistindo uma grave doença do seu pai. A transformação de um homem em inseto como no romance de Kafka (*A Metamorfose*) é uma metáfora acerca do envelhecimento, da doença e da morte, isto é, de aspectos da condição humana (CABRERA, 2006, p.26).

Porém existem críticos que afirmam ser impossível o cinema ser uma expressão da filosofia, porque a filosofia possui um compromisso com a verdade e qual seria a verdade proposta pelo cinema? Sendo o cinema ficção, como trabalhar esta questão que é altamente pertinente à própria filosofia?

Se não pensarmos os filmes sobre o prisma da logopatia, essa conciliação entre o cinema e a filosofia seria impossível. Isto porque o cinema através dos filmes evoca o imaginário, o impossível, o impensável onde a verdade é forjada a maneira do cineasta o que contraria a linha de pensamento lógico racional inscrita pela própria história da filosofia, que tenta evitar, as ilusões e equívocos tanto intelectuais quanto sensíveis de forma a afastar o erro e encontrar a verdade que

cliente.

⁹ David Cronenberg é um diretor e roteirista de filmes nascido em 1943 em Toronto no Canadá.

deve estar em concordância com o real. No entanto, a própria filosofia de Descartes, por exemplo, busca na fantasia algo que ilustre a possibilidade e validade dos seus argumentos, como o argumento do Deus enganador nas Meditações. O fato do cinema estar aberto à ficção não nega a sua pretensão no que diz respeito a verdade, como afirma Cabrera:

[...] que o cinema seja uma enorme simulação não diz nada contra sua pretensão de verdade. Será preciso ver como essa simulação se situa com relação à realidade. Até a ciência está cheia de simulações. A presença da simulação não diz nada por si mesma. É preciso ver se pode existir um uso filosófico na simulação do cinema. (CABRERA, 2006, p.37).

No caso do cinema, a pretensão de verdade se dá por meio da logopatia. A mensagem nem sempre é lógica e civilizada, às vezes nos ataca e nos absorve de uma tal maneira, que somos nocauteados pelas seqüências arrebatadoras de imagens. É o que acontece ao vermos o polêmico filme *O Anticristo* (DNK-2009) do diretor dinamarquês *Lars Von Trier*¹⁰, condenado e incompreendido pela crítica de cinema, o filme de Trier choca, ao contar a história de um casal (personagens sem nomes interpretados pelos atores Willem Dafoe e Charlotte Gainsbourg) ele psicólogo, ela uma intelectual escritora, que devido aos transtornos psicológicos da esposa, resolve suspender o tratamento químico e ambos decidem se recolher numa cabana na floresta a fim de se recuperarem dos seus traumas. O desfecho é tenso, curioso e avassalador. Crítica à psicologia contemporânea? Crítica aos padrões morais e religiosos? Um relato obscuro sobre os processos de interiorização após o sentimento de perda? O filme de Trier é altamente simbólico, uma verdadeira incógnita, e, propositalmente, tem seu título idêntico à obra homônima de Nietzsche, que assim como o livro, deveria vir cingido com uma epígrafe bem grande: “uma obra para espíritos livres”, pois o filme não poupa nada nas cenas de sexo, mutilação e morte.

Essa mediação que o cinema faz através dos filmes é colocada para que possamos entender e desmistificar os nossos sentimentos frente à nossa racionalidade e não apenas para nos emocionarmos. Por isso os filmes não são mero entretenimento, mas sim uma verdadeira experiência estética. A imagem ao mesmo tempo que provoca nossa reflexão é, muitas vezes, a própria reflexão dada sobre um conceito, seja a morte, a vingança ou o sentimento de perda, como no filme *O Anticristo* de Trier. É a partir da emoção evocada pelas imagens (páthos) que se desenvolve o discurso racional (lógos) problematizando o conceito-imagem fechando o ciclo da experiência logopática. A problematização filosófica feita por um filme ou das imagens, é mais vívida que uma problematização teórica, isto porque apela para a emoção do espectador colocando-o muitas vezes no lugar do personagem a fim de que viva ou sinta na pele o problema, é a questão

¹⁰ Lars Von Trier é um diretor de filmes nascido em Copenhague na Dinamarca em 1956. Cineasta polêmico, Trier tem chamado muito a atenção da mídia com seus filmes com roteiros obscuros, cenas impactantes e provocantes, que fazem da experiência do espectador algo arrebatador. Dito “incompreendido”, Trier foi expulso do festival de Cannes (2011) ao se declarar simpatizante de Hitler, além de ter a exibição de seus filmes como “*O Anticristo*” (DNK-2009) proibido em muitos países.

da pluriperspectiva de Cabrera, citada anteriormente, e uma questão para a qual Carrière nos chama a atenção:

Hoje em dia, simplesmente: através do comportamento ou da expressão de alguns atores podemos entender o que se passa, dependendo do nosso estado de espírito, do dia, do cinema em que estamos, ou dos espectadores que estão à nossa volta. Mas também apreendemos coisas que não são explícitas, nem identificáveis, nem definíveis. Uma nova curva na estrada pode ser revelada subitamente por um relance de olhos ou por um meneio de ombros, uma curva sobre a qual não podemos dizer nada, para a qual não temos palavras, e ainda assim percebemos que contém alguma coisa significativa. (CARRIÈRE, 2006, p.35).

Podemos perceber através das palavras de Carrière que as imagens possuem sim algo de significativo e que merece ser analisada com bastante cuidado. No entanto para que possamos identificar a filosofia nos filmes é necessário e lógico, que nos disponhamos como afirma Cabrera, “a ler filosoficamente o filme ao qual estamos assistindo” (CABRERA, 2006, 45). Devemos nos impor diante do filme acima das pretensões do próprio diretor, devemos fazer uma leitura não esquemática e direta, mas sim aberta à verdade e a possíveis contradições. Porém não significa que devemos pegar qualquer filme e projetar neles o que de fato não possuem, seria como diz o senso comum “forçar a barra”. Há muitas leituras diferentes de um filme, pode ser filosófica, sociológica, psicológica ou semiológica. Ler filosoficamente um filme é o mesmo trabalho ao qual comparo com a *Interpretação dos Sonhos* de Sigmund Freud, um olhar interno sobre os processos subjetivos da mente e dos relacionamentos humanos.

Um filme pode ser utilizado na escola para despertar o interesse por um problema filosófico, ele pode ser o estopim para a discussão de um problema, ou na melhor das hipóteses, ele, o filme, pode ser a própria caracterização do problema filosófico, e não é preciso ser um crítico refinado da sétima arte, muito menos um filósofo para perceber isso. Isto porque um filme pode e deve ser considerado como uma forma de pensamento, a expressão de uma idéia ou de um conceito.

Vejamos por exemplo o filme *A partida* (JPN-2008) de *Yojiro Takita*, filme que narra com sensibilidade e sabedoria à questão da morte, problema filosófico abordado por filósofos como Platão, Montaigne e Epicuro. Neste filme vemos através do personagem *Daigo*, que por força das circunstâncias abandona sua profissão de músico na orquestra de Tóquio, para trabalhar preparando corpos em uma funerária na sua cidade natal. *Daigo* percebe com o tempo, como as pessoas reagem diante da morte e do significado que ela assume para aqueles que ficam neste mundo. Percebe-se claramente neste filme, a importância do respeito, da compreensão e da aceitação de algo que afeta todos os seres vivos, que é a morte. Através do filme podemos perceber que todos estes conceitos são passados através das imagens, que nos afetam durante todo o filme. Com certeza após ver o filme os alunos sentirão mais vontade para falar de um tema polêmico, de ler um texto filosófico ou

simplesmente de escrever sobre o tema solicitado.

A utilização do filme como um recurso didático para o ensino da filosofia pode ser uma arma poderosa frente às classes compostas por alunos desinteressados e desmotivados, cenário comum na maioria das classes do ensino fundamental e médio das escolas públicas do país. No entanto, o recurso do cinema para o ensino da filosofia não pode ser banalizado. Muitos professores não sabem utilizar este recurso, onde muitas vezes o filme serve para “passar o tempo” ou como uma atividade lúdica. Nesse sentido o filme não terá nenhum efeito a não ser o contrário da proposta colocada. Temos que levar em consideração que nem todos compartilham a mesma paciência e gosto pela exibição de um filme, vivemos em uma época onde os jovens não estão acostumados a pensar e a refletir, a informação foi banalizada pelo uso dos recursos tecnológicos como a internet, por exemplo, e muitos jovens confundem a aquisição de informações com a construção do conhecimento. A aceleração do aspecto tecnológico gerou uma multidão de jovens ansiosos e sem cultura, que pensam estar de posse das chaves do conhecimento. Sobre isto Larrosa afirma:

Além disso, seguramente todos já ouvimos que vivemos numa “sociedade de informação”. E já nos demos conta de que esta estranha expressão funciona às vezes como sinônima de “sociedade do conhecimento” ou até mesmo de “sociedade de aprendizagem”. Não deixa de ser curiosa a troca, a intercambialidade entre os termos “informação”, “conhecimento” e “aprendizagem”. Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação(LARROSA, 2002, p.22).

Por isso a experiência da utilização de filmes durante as aulas pode ser um fracasso se não forem tomados os devidos cuidados. Em primeiro lugar pelo tempo, no geral são três aulas de filosofia semanais com duração de cinquenta minutos, onde a exibição ficaria fragmentada devido às aulas não serem geminadas. Em segundo lugar, porque a exibição fragmentada quebra o potencial de discussão, pois interrompe a reflexão e a concentração sobre os conceitos-imagens passados no filme. Em terceiro, porque nem todos os alunos identificam-se com o estilo dos filmes passados, o que para muitos será uma atividade valiosa de reflexão e sensibilidade, para outros será uma tortura psicológica o que pode gerar dispersão e tirar o foco daqueles que estão concentrados para ver o filme. Mas diante desta situação, qual seria a abordagem possível e adequada para trabalhar a filosofia através do cinema? Uma resposta para esta questão seria a criação de cineclubes filosóficos nas escolas. Mas afinal, o que é um cineclubes filosófico?

Os cineclubes surgiram na França no início do séc. XX, no Brasil existem desde 1929 quando foi fundado o cineclubes *Chaplin Club* na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de um espaço onde as pessoas se reúnem para assistir filmes e depois criar uma boa discussão sobre eles. Embora

os cineclubes brasileiros diferenciem-se muito com relação ao seu objeto de discussão, costuma-se adotar dentro do movimento cineclubista de uma forma bastante geral, um ritual para exibição de todas as sessões, o que furtivamente os próprios cineclubistas chamam de *Santíssima Trindade*. Ela é assim chamada, pois contém os três elementos básicos para realização de uma sessão cineclubista: *a apresentação, a exibição e o debate*. Na apresentação um dos membros profere um discurso sobre o filme a ser exibido, destacando aspectos gerais acerca do contexto do mesmo. A exibição do filme é colocada logo na seqüência da apresentação e posteriormente a exibição do filme, todos se reúnem para a realização de um caloroso debate, fechando o ciclo que compõe a sessão cineclubista.

Seria precipitado de nossa parte, entrar em detalhes sobre como cada uma destas etapas é conduzida, já que como foi afirmado, os cineclubes diferenciam-se quanto ao seu objeto de estudo e discussão. Tomarei como base para nossa reflexão, o projeto que foi desenvolvido no ano de 2011 nas dependências do Colégio Estadual Professor Teobaldo Leonardo Kletemberg, na cidade de Curitiba, no estado do Paraná, sob chancela do NESEF-UFPR.

Em primeiro lugar cabe destacar que a idéia do cineclube filosófico na escola é uma abordagem metodológica pela qual tentaremos viabilizar o ensino - aprendizagem da filosofia pelos motivos aos quais já sinalizamos neste artigo, onde evocamos a argumentação de Cabrera no que tange ao fato de que o cinema através dos filmes, pode não ser apenas lido filosoficamente como pode ser uma das formas de expressão da própria filosofia através do desenvolvimento da razão logopática, calcada na questão da percepção da ideia do conceito-imagem apreendida através dos filmes.

O cineclube filosófico na escola tem algumas particularidades diante de outros cineclubes, pois tenciona a exibição dos filmes com a filosofia. O cineclube filosófico tem como principal objetivo criar pólos de discussão no contra turno das várias escolas públicas paranaenses, com o interesse de disseminar o amor e o interesse pelo pensamento filosófico a partir do cinema. Trata-se de criar um espaço para um diálogo sem fronteiras explorando a idéia do conceito-imagem como um elemento importante para a aprendizagem da filosofia fora da sala de aula. Afirmando isso, pois a reflexão filosófica não é algo que deve ficar restrito a sala de aula, pelo contrário, uma vez que o aluno apropria-se da filosofia, a reflexão filosófica o acompanhará pelo resto da sua vida.

O cineclube é um espaço democrático que envolve professores, alunos, funcionários e até membros da comunidade de forma voluntária, todos discutindo e debatendo temas polêmicos da nossa realidade através de filmes não comerciais que circulam pelas periferias do cinema mundial, visando à construção de uma consciência crítica que sirva como um ponto de apoio e resistência frente aos problemas epistêmicos, sociais, culturais e econômicos que testemunhamos todos os dias em nossa sociedade.

Por ser um projeto de contra turno e por não possuir um amparo governamental, o cineclube filosófico exigirá do professor de filosofia muita dedicação e comprometimento com o grupo de discussão. O projeto que elaboramos contava com sessões mensais realizadas nas últimas sextas-feiras de cada mês e por ser voluntário observamos que o projeto despertou nos alunos um interesse muito grande pela filosofia, fato que pode ser claramente observado nas discussões que são realizadas posteriormente à exibição filme, todas documentadas em vídeo ou em áudio para análise posterior, servindo como referencial empírico para futuras pesquisas. O presente projeto amparado pelo NESEF-UFPR, está sendo analisado e estudado não somente o ensino da filosofia através dos filmes, como também a questão de como se procede a aprendizagem da filosofia a partir da ideia do conceito-imagem. Por estar em uma etapa inicial do processo, não podemos colocar em discussão ainda resultados conclusivos, no entanto, compartilharemos neste artigo três aspectos iniciais devidamente comprovados mediante as observações empíricas realizadas.

Em primeiro lugar, observou-se nos alunos a formação de um sentimento de coletividade por “fazer parte de algo” dentro da escola. Este sentimento de coletividade se fortaleceu na medida em que os alunos perceberam que nas discussões elaboradas após as exibições dos filmes, eles podiam debater abertamente com colegas de outras idades (o cineclube congrega alunos de diferentes séries e turnos do ensino médio), professores e membros da comunidade, já que em cada encontro sempre um ou mais membros traz como convidado o pai, a mãe, o irmão ou um amigo de outro colégio por livre e espontânea vontade. A presença destas três instâncias (alunos, professores e comunidade) produziu um efeito muito positivo, na medida em que a “autoridade de conhecimento do professor” foi quebrada, pois eles perceberam que o aprendizado era mútuo, que a cada comentário ou questionamento realizado era um ponto de reflexão que estava sendo gerado, que conhecimento não é a informação que o professor passa ou algo que ele diz, mas sim um processo que precisa ser construído coletivamente.

Em segundo lugar, observou-se o início do resgate do processo reflexivo, coisa rara e de difícil produção nas classes do ensino fundamental e médio nas escolas públicas. É raro e difícil, pois o ensino passou e ainda passa por um processo de instrumentalização. Para quem duvida deste fato, observe que vivemos em uma sociedade cujo objetivo maior do ensino é preparar os jovens para o vestibular e para o mercado de trabalho, neste sentido prioriza-se a ideia do ensino através acúmulo de saberes. A educação não é pensada no sentido da *paidéia grega*, ou seja, de alcançar a formação integral do indivíduo educado nas ciências e nas humanidades, mas de apenas prepará-lo para o ingresso em um curso universitário. As universidades por sua vez, tem se preocupado cada vez mais em produzir profissionais, indivíduos técnicos que visam atender as exigências do país visando o crescimento econômico. Assim, consideramos que através das exibições dos filmes somados com a discussão, os alunos estão pensando problemas que antes não faziam parte do seu

cotidiano.

Em terceiro lugar, observou-se o início da formação de uma consciência crítica, pois ao expor sua argumentação, o aluno a submete diante de todo o grupo. Estes por sua vez, muitas vezes evidenciam as contradições que surgem na fala de cada um, assim o que se busca na discussão não é um consenso ou um discurso linear e unitário, mas sim coerência na sustentação dos argumentos e das opiniões esboçadas por todos. O filme ao retratar um problema, seja ele epistemológico, ético, cultural ou político, parece facilitar a reflexão sobre a problemática colocada, ao passo de que cada aluno apropria-se das imagens à sua maneira e produz uma interpretação que fez delas. A interpretação não fica no senso comum, pois ao submetê-la à apreciação do grupo, os questionamentos produzidos forçam o argumentador a reforçar seus argumentos, e se forem inconsistentes a renunciá-los, devido a não conseguirem sustentá-los. A discussão não pode cair em “achismos” e para que isso não aconteça é necessário o papel do professor como mediador na condução da discussão.

Temos como intenção avançar no projeto através da inserção de mais algumas atividades. Para que o aluno aprenda filosofia através dos filmes é preciso que ele seja capaz de “ler estes filmes filosoficamente”. Atualmente temos trabalhado com a elaboração de um texto que é lido pelos integrantes do cineclube antes das sessões. Este texto que é lido em casa pelos cineclubistas, pode ser baixado do próprio site do cineclube¹¹, sendo escrito por um dos professores cineclubistas visando estabelecer a articulação da temática do filme com a temática filosófica. A idéia é futuramente inserir textos ou trechos de textos filosóficos para que os alunos leiam antes das sessões, de forma a prepará-los para a discussão munindo-os de argumentos e de viabilizar uma leitura filosófica do filme, que poderá ser contrastada com outras leituras do filme feita pelos demais cineclubistas.

Outra etapa será a inserção de uma atividade anual onde o aluno através do auxílio e orientação de um professor, possa produzir um pequeno artigo sobre um tema ou problema filosófico, analisando-o e discutindo-o com base em um filme de sua escolha que não tenha sido objeto de discussão ainda no cineclube. Os artigos poderão ser catalogados e até publicados caso o projeto receba apoio das autoridades competentes. Com esta etapa fecha-se um dos ciclos daquilo que qualquer professor de ensino médio almeja com a filosofia, que é produzir alunos que consigam fazer uma reflexão crítica, ler e interpretar um texto criticamente além de saber expressar e articular as suas ideias tanto na forma oral como na forma escrita, além de contribuir para a formação do indivíduo dentro dos processos culturais e de cidadania.

O mais interessante é que o ciclo das atividades do cineclube nunca se fecha por inteiro, pois com a chegada de novos colegas, todos terão tempo para se adaptar e nutrir condições para o seu

¹¹ <http://cineclubefilosofico.blogspot.com.br/>

desenvolvimento, além do fato de que os mais experientes além de ajudar os colegas começarão a arcar com a responsabilidade para guiar algumas das sessões. A ideia principal é que os alunos construam a sua autonomia de pensamento e que por si mesmos busquem o conhecimento através da troca de experiências. Neste sentido podemos ter gerações educadas através de um cineclube e visto que ele não se restringe apenas aos alunos, a participação pode se estender enquanto houver a intenção de participar das discussões, já que não se trata de algo obrigatório. Isso já acontece com alguns participantes do cineclube do Colégio Estadual Teobaldo Leonardo Kletemberg, já que o projeto foi transferido no ano de 2012 para o Colégio Estadual Padre Cláudio Morelli no bairro do Umbará na cidade de Curitiba.

O número de alunos participantes é pequeno, mas não existe uma possibilidade de grande abertura devido ao tamanho da sala para comportar as reuniões. No entanto, enquanto existir espaço físico receberemos a todos de forma bastante calorosa e esperamos sinceramente a adoção desta iniciativa nas demais escolas públicas do Paraná e do Brasil, fazendo da filosofia um elemento de transformação da educação nacional, justificando a obrigatoriedade e necessidade de sua inserção como disciplina no currículo das escolas públicas brasileiras.

Referências

AMNÉSIA. Christopher Nolan (dir). EUA: Imagem Filmes, 2000. DVD (120 min), son., col. Leg. Português.

A MOSCA. David Cronenberg (dir). EUA: Fox, 1986. DVD (96 min), son., col. Dub. Português.

A ORIGEM. Christopher Nolan (dir). EUA: Warner, 2010. DVD (148 min), son., col. Dub. Português, Leg. Português.

A PARTIDA. Yôjirô Takita (dir). Japão: Paris Filmes, 2008. DVD (130 min), son., col. Dub. Português.

CABRERA, J. **O cinema pensa**: Uma introdução à filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CÃES DE ALUGUEL. Quentin Tarantino (dir). EUA: LW, 1992. DVD (99 min), son., col. Leg. Português.

CARRIÈRE, J. C. **A Linguagem Secreta do Cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

HABERMAS, J. **Comentários à ética do discurso**. Tradução de: Gilda Lopes Encarnação. Lisboa: Instituto Piaget, 1987.

_____ **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1968

HEIDEGGER, M. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: Col. **Os pensadores**, Nova

Cultural, 2002.

JACKIE BROWN. Quentin Tarantino (dir). EUA: Imagem Filmes, 1997. DVD (154 min), son., col. Leg. Português.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. São Paulo: Unicamp, 1999.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, vol. 19, 2002.

O ANTICRISTO. Lars Von Trier (dir). Dinamarca: Califórnia Filmes, 2009. DVD (108 min), son., col. Dub. Português.

PULP FICTION – TEMPOS DE VIOLÊNCIA. Quentin Tarantino (dir). EUA: Imagem Filmes, 1994. DVD(154 min), son., col. Leg. Português.